ÍNDICE

	Nota Editorial	vii
	Prefácio — Pe. Domingos Areais	ix
I	***Providentissimus Deus*** — Leão XIII	1
II	***Spiritus Paraclitus*** — Bento XV	37
III	***Divino Afflante Spiritu*** — Pio XII	83
IV	***Dei Verbum*** — Vaticano II, Paulo VI	117
V	***Aperuit Illis*** — Francisco	139
	Interpretação Bíblica em Crise — Cardeal Ratzinger	155

der os outros, não se esqueçam de si mesmos»[18]. Admoestações como estas, de facto, tinham sido proferidas muito antes pela voz apostólica que aprendera a sua lição do próprio Cristo, que «começou a fazer e a ensinar». Não foi somente a Timóteo, mas a toda a ordem do clero, que o comando foi dirigido: «Cuida de ti mesmo e da doutrina; sê diligente nelas. Pois, fazendo isto, salvarás a ti mesmo e aos que te ouvem»[19]. Para a salvação e para a perfeição de nós mesmos e dos outros, há à mão a melhor ajuda nas Sagradas Escrituras, como o Livro dos Salmos, entre outros, tão constantemente insiste; Mas só a encontrarão aqueles que trazem a esta leitura divina não só docilidade e atenção, mas também piedade e uma vida inocente. Pois a Sagrada Escritura não é como os outros livros. Ditada pelo Espírito Santo, contém coisas da mais profunda importância, que em muitos casos são as mais difíceis e obscuras. Para compreender e explicar tais coisas, é sempre necessária a «vinda»[20] do mesmo Espírito Santo; é a Sua luz e a Sua graça; e estas, como o Salmista Real tão frequentemente insiste, devem ser procuradas pela oração humilde e guardadas pela santidade de vida.

Que Deve a Bíblia à Igreja Católica

6. É nisto que se manifesta de modo notável o vigilante cuidado da Igreja. Através de admiráveis leis e regulamentos, ela sempre se mostrou solícita para que «o tesouro celeste dos Livros Sagrados, tão abundantemente concedido ao homem pelo Espírito Santo, não fosse negligenciado»[21]. Ela prescreveu que uma parte considerável deles fosse lida e piedosamente reflectida por todos os seus ministros no ofício diário da salmodia sagrada. Ela ordenou que nas igrejas cate-

---

[18] S. Gregório Magno, *Regul. past.* III, 24 (al. 48).
[19] 1 *Tim.* IV, 16.
[20] S. Jerónimo, *In Mich.* I, 10.
[21] Conc. Trid., sess. V, *Decr. de reform.* I.

> «Nem penso que tu julgues de outro modo. Na verdade, recuso absolutamente acreditar que quisesses que os homens lessem os teus próprios livros como leem os dos Profetas e Apóstolos; a ideia de que estes pudessem conter qualquer erro é ímpia.»[41]

16. O ensinamento de São Jerónimo neste ponto serve para confirmar e ilustrar o que o nosso predecessor de feliz memória, Leão XIII, declarou ser a antiga e tradicional crença da Igreja acerca da imunidade absoluta da Escritura contra o erro:

> «De tal modo é impossível que o erro seja compatível com a inspiração, que, pelo contrário, esta, pela sua própria natureza, não apenas exclui necessariamente o erro, mas também o proíbe, assim como Deus, a Verdade suprema, não pode de modo algum ser o Autor do erro.»

17. Depois de apresentar as definições dos Concílios de Florença e de Trento, confirmadas pelo Concílio do Vaticano, o Papa Leão prossegue:

> «Consequentemente, não tem cabimento sugerir que o Espírito Santo usou os homens como seus instrumentos para escrever, e que, portanto, embora nenhum erro possa ser atribuído ao Autor principal, possa todavia provir dos autores inspirados. Pois, por virtude sobrenatural, o Espírito Santo moveu-os e impeliu-os a escrever, assistindo-os de tal modo enquanto escreviam, que as suas mentes pudessem conceber rectamente somente aquelas coisas — e todas elas — que Ele mesmo lhes ordenava conceber; somente tais coisas podiam fielmente consignar por escrito e exprimir com verdade infalível; do contrário, Deus não seria o Autor da totalidade da Sagrada Escritura.»[42]

---

[41] S. Agostinho, *Ad S. Hieron., inter epist. S. Hier.*, 116, 3.
[42] Leão XIII, *Providentissimus Deus*; cf. *Ench. Bibl.*, n.º 125.

devidamente conferidos na sagrada Teologia e no Direito Canónico; determinou também que a ninguém seja conferido «um benefício ao qual esteja canonicamente anexo o ónus de explicar ao povo a Sagrada Escritura, se, além do mais, não tiver conseguido a licenciatura ou a láurea em Sagrada Escritura». Ao mesmo tempo exortava os gerais das ordens regulares e das congregações religiosas, bem como os bispos de todo o orbe Católico, a que mandassem os mais capazes dos seus alunos a frequentar as escolas do Instituto Bíblico para aí conseguirem os graus académicos; e a fim de confirmar com seu exemplo essas exortações, constituiu para esse fim rendimentos anuais fruto da sua munificência.[17]

Mosteiro de S. Jerónimo para a revisão da Vulgata

8. O mesmo pontífice, visto que em 1907 com o favor e aprovação de Pio X de feliz memória «fora confiado aos padres beneditinos o encargo de fazer investigações e estudos preparatórios para a edição da versão da Sagrada Escritura comummente chamada Vulgata»[18], querendo dar mais sólida base e maior segurança a esta «fadigosa e árdua empresa», que exige muito tempo e grandes despesas, mas cuja grandíssima utilidade mostram os magníficos volumes já publicados, levantou o Cenóbio Romano de S. Jerónimo, inteiramente dedicado àquela obra, e dotou-o generosamente de rica biblioteca e de todos os meios de investigação.[19]

---

[17] Cf. Bento XV, *Motu proprio Bibliorum scientiam*, de 27 de Abril de 1924; A.A.S. 16(1924), pp. 180–182.

[18] Carta ao Rev.mo D. Aidano Gasquet, de 3 de Dez. de 1907. Pio X, *Acta* 4, pp. 117–119; *Ench. Bibl.* n.º 285s.

[19] Const. Apost. *Inter praecipuas*, de 15 de Junho de 1933; A.A.S. 26(1934), pp. 85–87.

Necessidade da revelação

6. Pela revelação divina quis Deus manifestar e comunicar-se a Si mesmo e os decretos eternos da Sua vontade a respeito da salvação dos homens, «para os fazer participar dos bens divinos, que superam absolutamente a capacidade da inteligência humana»[6]. O sagrado Concílio professa que Deus, princípio e fim de todas as coisas, se pode conhecer com certeza pela luz natural da razão a partir das criaturas (cf. *Rm* 1,20); mas ensina também que deve atribuir-se à Sua revelação «poderem todos os homens conhecer com facilidade, firme certeza e sem mistura de erro aquilo que nas coisas divinas não é inacessível à razão humana, mesmo na presente condição do género humano»[7].

CAPÍTULO II

A TRANSMISSÃO DA REVELAÇÃO DIVINA

Os apóstolos e seus sucessores, transmissores do Evangelho

7. Deus dispôs amorosamente que permanecesse íntegro e fosse transmitido a todas as gerações tudo quanto tinha revelado para salvação de todos os povos. Por isso, Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma (cf. *2Cor* 1,20; 3,16–4,6), mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda a disciplina de costumes, o Evangelho prometido antes pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente[8], comunicando-lhes assim os dons divinos. Isto foi realizado

[6] Conc. Vat. I, const. dogm. *Dei Filius*, cap. 2: Denz. 1786 (3005).
[7] *Ibid.*: Denz. 1785 e 1786 (3004 e 3005).
[8] Cf. Mt. XXVIII, 19–20 e Mc. XVI, 15; Conc. Trid., *Decr. De canonicis Scripturis*: Denz. 783 (1501).

Todos os anos, o Institute on Religion and Public Life, *editor da* First Things, *patrocina a Palestra Erasmus na cidade de Nova Iorque. Em 1988, a palestra foi proferida pelo Cardeal Joseph Ratzinger, mais tarde Papa Bento XVI.*

Na *História do Anticristo*, de Wladimir Solowjew, o inimigo escatológico do Redentor recomendava-se aos crentes, entre outras coisas, pelo facto de ter obtido o doutoramento em Teologia em Tübingen e de ter escrito uma obra exegética considerada pioneira no campo. O Anticristo, um famoso exegeta! Com este paradoxo, Solowjew procurava lançar luz sobre a ambivalência inerente à metodologia exegética bíblica já há quase cem anos. Falar hoje de uma crise do método histórico-crítico é praticamente um truísmo — apesar de ter tido um início tão optimista.

No seio daquela nova liberdade de pensamento em que o Iluminismo se lançara de cabeça, o dogma ou a doutrina da Igreja apareciam como um dos verdadeiros obstáculos a uma recta compreensão da própria Bíblia. Mas, libertos desta pressuposição impertinente e munidos de uma metodologia que prometia estrita objectividade, parecia que íamos finalmente poder voltar a ouvir a voz clara e inconfundível da mensagem original de Jesus. Na verdade, aquilo que fora há muito esquecido deveria ser de novo trazido à luz: a polifonia da história podia ouvir-se de novo, elevando-se por detrás do monótono das interpretações tradicionais. À medida que o elemento humano na história sagrada se tornava cada vez mais visível, também a mão de Deus parecia maior e mais próxima. Gradualmente, porém, o quadro tornou-se confuso. As várias teorias foram crescendo, multiplicando-se e separando-se umas das outras, transformando-se numa verdadeira sebe que bloqueava o acesso à Bíblia para todos os não iniciados. Os iniciados já não liam a Bíblia de todo, mas antes dissecavam-na em várias partes a partir das quais tinha de ter sido